



Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A importância da Pesquisa Acadêmica na Teologia

batistapioneira.edu.br

II Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2024.v2.007



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

DENÚNCIA CONTRA O RITUALISMO VAZIO E A FALSA RELIGIÃO DO POVO JUDEU, EM JEREMIAS CAPÍTULO SETE

Denunciation against the empty ritualism and false religion of the Jewish
people, in Jeremiah chapter seven

Zenaldo Oliveira¹

RESUMO

Este artigo apresenta a denúncia feita pelo profeta Jeremias, naquele que é conhecido como o “sermão do templo”. O Senhor Deus ordenou que o profeta falasse ao povo, a partir da porta do templo, contra a religiosidade vazia; a injustiça social; a opressão de estrangeiros, órfãos e viúvas; e contra a idolatria. O povo judeu estava vivendo totalmente em desacordo com os preceitos da Lei, mas apegava-se ao templo como se o mesmo fosse um amuleto de proteção. A metodologia adotada para a elaboração deste artigo segue os parâmetros de pesquisa bibliográfica. Diante da dureza e incorreção do povo, o profeta anunciou o juízo de Deus, usando como referência o fato ocorrido com as tribos irmãs do Reino do Norte.

Palavras-chave: Religiosidade vazia. Denúncia. Juízo. Profeta. Povo judeu.

ABSTRACT

This article presents the denunciation made by the prophet Jeremiah in what is known as the "temple sermon." The Lord God commanded the prophet to speak to the people, from the temple gate, against empty religiosity; social injustice; the oppression of foreigners, orphans and widows; and against idolatry. The Jewish people were living in total

¹ Mestrando do curso de Teologia na FABAPAR; Pós-graduado em Gestão Estratégica de Negócios pela USP; Bacharel em Teologia pelo Instituto Internacional El Shaddai da Colômbia; Graduado em Ciências Econômicas pela UFMA. Atua como Diretor do Centro de Teologia e Missões e como Pastor auxiliar na Igreja Batista Nacional da Palavra, em São Luís/MA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0903-2170> - E-mail: zenaldooliveira67@gmail.com

disagreement with the precepts of the Law, but they clung to the temple as if it were a protective amulet. The methodology adopted for the elaboration of this article follows the parameters of bibliographic research. Faced with the people's harshness and incorrectness, the prophet announced God's judgment, using as a reference the fact that occurred with the sister tribes of the Northern Kingdom.

Keywords: Empty religiosity. Judgment. Prophet. Jewish people.

INTRODUÇÃO

A mensagem profética de Jeremias é uma denúncia contra as práticas do povo judeu, que cumpriam os rituais religiosos da Lei, mas viviam em total desacordo com as instruções e preceitos da mesma. O templo era visto como garantia de que, independentemente de qualquer modelo de vida que o povo adotasse e de qualquer contexto, esse povo não sofreria derrota.

O profeta Jeremias era da linhagem sacerdotal e habitava nas terras destinadas à tribo de Benjamim, ele viveu e exerceu o seu ministério no reino de Judá no período que antecedeu as invasões dos babilônios. Nessa época, o reino de Israel (tribos do norte) já havia sido conquistado e disperso pelo império Assírio, que foi o instrumento de juízo utilizado pelo SENHOR para colocar fim à idolatria que tomava conta do povo judeu, cujas práticas sociais eram contrárias às instruções divinas. A injustiça social, a opressão, o roubo e o adultério estavam presentes no cotidiano do palácio, do templo e das ruas.

A primeira fase do seu ministério ocorreu durante o reinado de Josias, um rei que buscou a presença do SENHOR desde a sua juventude e que foi responsável por uma grande reforma religiosa no reino, retirando do território de Judá os postes ídolos da deusa Aserá, os baalins e as imagens de escultura e fundição. Além de instruir o povo a refazer a aliança com o seu Deus.

Nesse período, Jeremias tinha um aliado na busca pela obediência à Lei divina, dada por intermédio de Moisés, visto que o rei Josias dava-lhe liberdade para exortar o povo, e o próprio rei se empenhava na tarefa de purificar as atitudes dos seus governados. Portanto, a morte desse rei foi muito sentida pelo povo e pelo profeta Jeremias, que compôs uma lamentação, conforme registrado no livro de II Crônicas 35.25.

Após a morte do rei Josias, o povo tornou à idolatria e à prática desenfreada de ações abomináveis aos olhos do SENHOR. A proposta deste artigo será abordar a denúncia realizada pelo profeta Jeremias contra a injustiça, os rituais vazios e a religião falsa praticados pelo rei, pelos sacerdotes e pelo povo no período antecedente ao exílio babilônico. Em seguida, tratará das consequências e juízo anunciados devido à obstinação do povo. O contexto e o conteúdo dessa mensagem de Jeremias servem de advertência contra a religiosidade vazia também nos dias atuais.

1. DENÚNCIA CONTRA AS AÇÕES PRATICADAS

O domínio do Egito sobre o reino de Judá provocou profundas mudanças no ambiente deixado pelo rei Josias. A começar pela definição do sucessor, dado que o povo escolheu Jeocaz, mas o faraó Neco o destituiu apenas três meses depois e o deportou para o Egito, nomeando Jeoaquim, outro filho de Josias, para assumir o trono. Rapidamente o povo retomou as práticas anteriores, pois o novo “rei não tinha temor a Deus nem bondade para com os homens”, segundo Josefo em sua obra “história dos judeus”.²

Era um tempo de incerteza no Oriente médio, o outrora grande e impiedoso império Assírio havia sido derrotado pelo império Babilônico, que agora surgia como a grande potência do oriente. A tentativa do remanescente do exército assírio de se juntar com as forças egípcias para fazer frente ao poderoso inimigo não teve êxito e o domínio da região do crescente fértil passou para novas mãos.

O pequeno reino de Judá, que passou a pagar tributos ao Egito após ser derrotado na batalha que culminou com a morte de Josias, não tinha capacidade humana para resistir ao avanço e domínio do novo império. Contar com a ajuda divina se mostrou inviável, pois as práticas do rei, dos sacerdotes e do próprio povo afastaram a proteção de Deus.

No meio de todo esse contexto, o profeta Jeremias era enviado por Deus a Jerusalém com o objetivo de advertir o povo sobre suas práticas perversas e religião falsa, carregada de ritualismo vazio. Os líderes religiosos da época se apegavam ao templo e com as promessas relacionadas ao mesmo, como garantia de segurança e manutenção do reino. Era como se o Templo fosse uma espécie de amuleto e símbolo da proteção incondicional de Deus, independente das práticas que eles e o restante do povo cometiam.

A mensagem do SENHOR, por intermédio de Jeremias, era que a permanência do povo na terra e usufruto das bênçãos da aliança estavam condicionadas ao verdadeiro arrependimento e mudança das práticas, caso contrário, o juízo era iminente. A ordem de Deus era para que Jeremias se posicionasse à porta do templo e dali pronunciasse a sua mensagem, que teria maior alcance devido a elevação do lugar em relação ao átrio, onde havia a maior movimentação de pessoas, que chegavam para realizar os rituais de sacrifício

Em seu comentário do Antigo Testamento, Mackey escreve que “O próprio livro de Jeremias traz evidências de que era o lugar onde as mensagens proféticas eram ordinariamente entregues (19.14; 28.1,5)”.³ A entrada do Templo era costumeiramente o lugar de passagem e o fluxo de pessoas era intenso, mas raramente o povo se detinha para ouvir algo. Portanto, é provável que a mensagem de Jeremias tenha sido curta e objetiva. Também é possível que a mesma mensagem tenha sido pronunciada por diversas vezes.

O início da mensagem é o seguinte: “Escutem a Palavra do SENHOR, todos de Judá, vocês que entram por estas portas, para adorar o SENHOR. Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Corrijam a sua conduta e as suas ações, e eu os farei habitar neste lugar. Não confiem

² JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 475.

³ MACKAY, John L. **Jeremias**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 340.

em palavras falsas, dizendo: “Templo do SENHOR! Templo do SENHOR! Este é o Templo do SENHOR!” (Jr 7.2b-4).

No *Novo Comentário Bíblico do Antigo Testamento*, de Allen, House e Radmacher encontra-se a seguinte abordagem sobre essa primeira parte do sermão de Jeremias:

Não vos fieis transmite a ideia de segurança e confiança que o povo tinha em seu santo lugar. Eles acreditavam que, como Deus havia escolhido Jerusalém como sua habitação, havia prometido que um rei da linhagem de Davi permaneceria no trono para sempre e havia libertado a cidade dos ataques nos dias de Ezequias e de Isaías, Ele nunca permitiria que a cidade ou o templo fossem destruídos. *Palavras falsas* podem se referir à confiança infundada no templo como um símbolo idólatra ou na adoração de deuses estrangeiros. O templo do SENHOR havia se tornado um amuleto para os israelitas. Eles acreditavam que o edifício garantiria sua segurança, independentemente de obedecerem às determinações da aliança.⁴

O autor do comentário citado assim como o texto bíblico que inicia a mensagem de Jeremias, evidenciam que a relação do povo com o SENHOR havia se transformado em algo mecânico, ritualista, sem amor e sem temor. As consequências da desobediência, de acordo com a Lei, foram ignoradas, o povo se inclinou para a maldade e se esqueceu de sua responsabilidade na aliança.

Ao mesmo tempo que adverte o povo, a mensagem do profeta também apresenta a condição para se evitar o julgamento e consequente expulsão da terra. Somente mudando o proceder e as ações incorretas como: prática de injustiça; opressão ao estrangeiro, órfão e viúva; derramamento de sangue inocente; e idolatria, é que o povo poderia permanecer na terra, conforme promessa de Deus aos seus ancestrais.

É difícil compreender como o povo da aliança chegou ao ponto de cometer ações tão contrárias à Lei, que prometeu cumprir. Em seu *Comentário Bíblico*, D.A. Carson escreve que grande parte do problema está na falsa confiança inspirada pela simples presença do templo e de seus rituais. Ele diz que essas ideias foram influenciadas pelos cananeus, o povo se convencerá de que isso significava uma espécie de garantia da presença e proteção de Deus.⁵

O *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia*, obra de Chavalas, Matthews e Walton, descreve o templo como um santuário de propriedade da Coroa, e reconhecido como “a casa da divindade”. Neste contexto, segundo esses autores, as pessoas passaram a acreditar que o templo era tão importante para Deus que o povo estava seguro. Eles ainda acrescentam que no antigo Oriente Próximo, a cidade inteira era considerada como estando debaixo da

⁴ RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H. Wayne. **O novo comentário Bíblico Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2009, p. 1128.

⁵ CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1027.

proteção de sua divindade padroeira. Nesse aspecto, Jerusalém se considerava impenetrável porque abrigava o Templo de YAHWEH, ou seja, a morada de Deus.⁶

Continuando a sua advertência ao povo, o Senhor Deus, falando por intermédio de Jeremias, faz uma pergunta retórica que deixa claro o seu conhecimento a respeito de todas as práticas abomináveis que estavam sendo cometidas. Ele indaga:

O que é isso? Vocês roubam, matam, cometem adultério e juram falsamente, queimam incenso a Baal e seguem outros deuses que vocês não conheciam no passado, e depois vêm e se põem diante de mim neste templo que se chama pelo meu nome e dizem: Estamos salvos! Sim, só para continuarem a praticar essas abominações! Será que este templo que se chama pelo meu nome é um covil de salteadores aos olhos de vocês? Eis que eu, eu mesmo, vi isso, diz o Senhor (Jr. 7.9-11).

O Senhor Jesus citou o profeta Jeremias, conforme Mateus 21.13, quando realizou a purificação do templo. O covil de salteadores ali citado, era, segundo Champlin em seu comentário versículo por versículo, “uma caverna crua, na qual, após cometerem seus crimes, eles se refugiavam e se escondiam das autoridades. Aquele era seu lugar de segurança. E o povo de Judá, tal como os salteadores, embora carregados de pecados, iam refugiar-se no templo”.⁷

Os pecados cometidos afrontavam diretamente à Lei, que era a referência dada pelo SENHOR, por intermédio de Moisés. As falhas citadas ofendiam diretamente os dez mandamentos, o que significava a quebra da Aliança. Diante disso, buscando ainda evitar o juízo, o profeta chama a atenção do povo para o que havia ocorrido com Siló, local onde foi fixado o tabernáculo durante o período dos Juízes, e mesmo assim foi destruída pelos inimigos devido a desobediência dos sacerdotes e do povo. Em seu comentário bíblico F. F. Bruce detalha que a destruição de Siló se deu no ano 1050 a.C. pelos filisteus.⁸

Allen, House e Radmacher lembram que a família de Eli, responsável pelo sacerdócio em Siló, usaram sua posição para alcançar ganhos pessoais, enquanto a idolatria se espalhava pela terra. Quando os israelitas tentaram utilizar a arca como um amuleto de vitória, ela foi capturada e o santuário foi destruído pelos filisteus. Segundo eles, esses foram os instrumentos do castigo divino por causa da maldade do povo de Israel.⁹

2. ADVERTÊNCIA SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS DA OBSTINAÇÃO DO POVO

Deus falou, mas o povo não ouviu; chamou, mas o povo não respondeu. Então, o que restou foi o juízo; e mais uma vez o profeta usa o exemplo de Siló para anunciar o que viria:

⁶ WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 840.

⁷ CHAMPLIN, Russell Noman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2018, p. 278.

⁸ BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2008, p. 1069.

⁹ RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 1129.

“Vou expulsar vocês da minha presença, como expulsei todos os seus irmãos, toda a posteridade de Efraim”, disse o SENHOR (Jr 7.15).

Esse texto em que o profeta afirma que Deus falou, mas o povo não ouviu demonstra que o povo realmente esqueceu das instruções dadas por intermédio de Moisés, especificamente quando disse: “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Portanto, ame o SENHOR, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e com toda a sua força” (Dt 6.4,5). A sequência desse texto da Lei, traz uma advertência a respeito daquilo que o povo não deveria fazer ao adentrar na terra prometida, e, se não obedecesse, a consequência seria a destruição ordenada pelo próprio SENHOR.

As palavras do SENHOR, ditas através de Jeremias, são eloquentes; Ele reafirma conhecer as más obras que os judeus estavam praticando e que, mesmo tentando redirecioná-los para o caminho reto, esse povo não lhe deu ouvidos. Por isso, o templo que era para eles sinal de proteção, seria destruído assim como o lugar onde habitavam.

Em seu comentário bíblico, Matthew Henry escreveu o seguinte texto a respeito desse episódio:

Deus falou, mas não ouviram, não prestaram atenção, não se importaram. Ele os chamou, mas não responderam. Eles não desejaram atender ao seu chamado. Observe que aquilo que Deus nos falou agrava, enormemente, o que fazemos contra Ele. Em segundo lugar, Jerusalém, em pouco tempo, será tão infeliz como Siló tinha sido: “Farei também a esta casa ... como fiz a Siló”.¹⁰

O juízo seria divino e as causas foram apresentadas, mas o instrumento de execução seria humano e sem piedade; os caldeus já marchavam em direção a Jerusalém para saqueá-la, dominá-la e, posteriormente, destruir o seu templo. A mensagem era dura e definitiva, pois se tratava de um decreto do SENHOR. O templo em Jerusalém, embora tão robustamente construído, se nele se encontrasse iniquidade, seria tão incapaz de manter-se em pé e seria tão facilmente conquistado, como foi o tabernáculo de Siló, quando o dia da vingança de Deus chegou.

Certamente o povo não tinha a dimensão das consequências que sofreria devido a desobediência cometida de forma obstinada; seria expulso da terra da promessa, viria o templo ser saqueado e destruído, e ainda seria levado para o cativeiro em uma terra idólatra, à semelhança do ocorrido com as dez tribos do Norte, que foram dispersas para o meio de vários povos e territórios, ao serem conquistadas pelos assírios.

A visão de Matthew Henry sobre esse evento faz todo sentido, ele diz que ser expulso da sua terra deveria ter provocado no povo de Israel a sensação de desespero, pois isso significava ser expulso da presença de Deus sem perspectiva de retorno.¹¹

¹⁰ HENRY, Matthew. **Comentário bíblico Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 378.

¹¹ HENRY, 2012, p. 379.

3. REJEIÇÃO DO POVO E DOS SEUS SACRIFÍCIOS

Não ore por este povo, Jeremias, e não insista comigo, pois não lhe ouvirei; essas foram as palavras do SENHOR ao profeta Jeremias. As práticas contínuas de idolatria provocavam a ira de Deus, que decretou a rejeição desse povo. A imagem descrita soa como um grito de indignação ao ver o povo se juntando em família para fazer oferta à Rainha dos céus; segundo Bruce, trata-se de Astarote (deusa cananeia) ou Ishtar (deusa babilônica).¹²

No *Novo Comentário bíblico do Antigo Testamento*, Allen, House e Radmacher afirmam ser uma adoração a Ishtar, que era cultuada em centros de adoração a céu aberto ao longo de toda a região oriental do Mediterrâneo e da Mesopotâmia. O comentário desses autores continua descrevendo como se dava a adoração a essa deusa; era uma cerimônia que envolvia a preparação de bolos especiais que traziam a imagem da própria, bem como libações. Tudo era feito em família, contrariando as exigências da Lei de que o pai deveria instruir seus filhos nos caminhos do SENHOR, conforme Deuteronômio 6.4-9.¹³

É importante notar que, apesar de ser desprezado e perseguido pelo povo, o profeta Jeremias continuava intercedendo por ele, até receber a ordem de Deus para não mais fazê-lo. O juízo estava decretado sobre esse povo obstinado e idólatra. Champlin compara as tentativas de interseção de Jeremias com as de Moisés durante o êxodo, e complementa declarando que a cegueira espiritual de Judá nos dias de Jeremias já não permitia um chamado ao arrependimento. Diante desse contexto, Deus questiona ao profeta se ele não estava vendo as práticas do povo por todo o reino de Judá e pelas ruas de Jerusalém, e que este o povo se tornou incapaz de ouvir a Palavra divina, restando agora tão somente julgamento com vara de ferro.¹⁴

A ira divina chegou a tal nível que até os animais e as árvores do campo sofreriam com a destruição. O fogo, usado muitas vezes para representar a ira de Deus, dessa vez se tornaria literal, visto que os babilônios incendiaram o templo, o palácio do rei e as casas da cidade de Jerusalém, em cumprimento à profecia.

Champlin descreve que os animais seriam cozidos e devorados pelo exército invasor, as árvores do campo seriam queimadas como combustível e as árvores frutíferas utilizadas para alimentar os babilônios. Os judeus sobreviventes seriam levados como escravos ao exílio; algumas mulheres escolhidas seriam levadas para os haréns dos ricos e poderosos babilônios, outras serviriam como escravas. Muitos homens iriam para prisões e até crianças seriam maltratadas e mortas.¹⁵

A mensagem profética deixa claro que de nada adiantava sacrificar animais se o povo não ouvia e tampouco seguia a Palavra de Deus. O SENHOR chega a mandar o povo comer a carne dos animais que seriam destinados ao holocausto, pois não requereria e nem aceitaria

¹² BRUCE, 2008, p. 1069.

¹³ ALLEN, HOUSE, RADMACHER. 2010. p. 1129.

¹⁴ CHAMPLIN. 2018. p. 279.

¹⁵ CHAMPLIN, 2018, p. 279.

nada de suas mãos contaminadas por diversos tipos de pecados e cheias de idolatria. Sobre isso o comentarista bíblico Henry faz a seguinte abordagem:

Deus os fez um reino de sacerdotes para sim mesmo, não para que pudesse receber seus sacrifícios como presentes, como os demônios, a quem os pagãos adoravam, que são representados comendo com prazer a gordura de seus sacrifícios e bebendo o vinho de suas libações (Dt 32.38). Não. Comerá Deus a carne de touros? (Sl 50.13). “*Nunca falei a vossos pais... acerca de holocaustos ou sacrifícios*”. Os preceitos da Lei moral foram entregues antes das instituições cerimoniais. E estas vieram depois, como provas da sua obediência e auxílio para seu arrependimento e fé. A lei levítica começa assim: “Quando algum de vós oferecer oferta”, deverá fazer isto e aquilo (Lv 1.2; 2.1), como se aqui se pretendesse mais regulamentar os sacrifícios do que exigí-los. Mas aquilo que Deus exigia, aquilo a que Ele os obrigou, pela sua suprema autoridade, e em que Ele insistia como condição do concerto, era: “Dai ouvidos à minha voz”.¹⁶

No Comentário bíblico Moody, há uma abordagem sintética sobre essa parte da mensagem de Jeremias, destacando a condição do ofertante como elemento principal para a aceitação da oferta:

Jeremias não está dizendo que Deus jamais quis ou ordenou os sacrifícios. Ele está expressando, por meio de um forte contraste, a relativa importância dos sacrifícios e da obediência (cf. I Sm 15.22). Os profetas se opunham ao ritualismo vazio, não às cerimônias mosaicas propriamente ditas. **Ajantai** (v.21). As ofertas queimadas eram totalmente queimadas no altar; partes dos outros sacrifícios eram comidas pelos sacerdotes e ofertantes. A ideia aqui é que não há santidade nas ofertas oferecidas por homens não arrependidos. São simplesmente **carne** e por isso também deveriam ser comidos.¹⁷

Dar ouvidos à Voz de Deus e andar em seu caminho era a essência da aliança de Deus com o povo, se procedessem assim, tudo iria bem. Mas o povo preferiu buscar os próprios caminhos, endureceram o coração, se encheram de malignidade e retrocederam ao invés de avançar. Fizeram pior que os seus ancestrais, ignoraram totalmente a Lei e cada um seguia os seus próprios conselhos. Diante de toda essa insensibilidade do povo, Deus diz ao profeta que ele proclamará todas as palavras ditas pelo SENHOR, mas o povo não o ouvirá e quando ele chamar, o povo também não responderá.

4. ANÚNCIO DO JUÍZO SEVERO E IRREVERSÍVEL

Antes de declarar a sentença final, Deus faz questão de lembrar que por diversas vezes enviou os seus servos, os profetas, desde a madrugada para tentar despertar o povo e livrá-lo do seu pecado, mas foi inútil. Comentando sobre essa situação, Henry escreveu:

¹⁶ HENRY, 2012, p. 380.

¹⁷ PFEIFFER, Charles F. **Comentário bíblico Moody**. São Paulo: Batista Regular, 2010, p. 934.

Deus tinha servos entre eles, em todas as gerações, desde que saíram do Egito até essa época, alguns para contar ao povo sobre seus erros, e lembrá-los do seu dever; tendo Ele madrugado para enviar esses servos (como antes, v.13), assim como os homens madrugam para chamar os seus servos para o seu trabalho. Mas eles estavam tão surdos aos profetas quanto estavam à Lei (v. 26): *“Não... deram ouvidos, nem inclinaram os ouvidos”*. Esse tinha sido o caminho deles, e essas tinham sido as suas atitudes, o tempo todo. Eles tinham a mesma disposição obstinada e refratária daqueles que tinham vindo antes deles. Todo o tempo, essa tinha sido a índole da nação, e era índole malvada, que continuamente os assombrava, até que por fim os arruinou.¹⁸

Portanto, o SENHOR ordena que o profeta Jeremias faça a seguinte declaração: “Esta é a nação que não dá ouvidos à voz do SENHOR, seu Deus, e não aceita a disciplina. A verdade desapareceu; foi eliminada da sua boca” (Jr 7.28). Toda a infidelidade do povo era atestada pelo próprio Deus e era crescente em perversidade, pois chegaram a sacrificar os próprios filhos.

Ao profeta resta lamentar e ele expressa isso com a mensagem do seguinte texto: “Corte os seus cabelos consagrados, ó Jerusalém, e jogue-os fora. Comece a prantear sobre o alto dos montes, porque o SENHOR rejeitou e abandonou a geração que é objeto do seu furor” (Jr 7.29). Champlin diz que cortar os cabelos era um ato de profunda lamentação fúnebre e também um quadro de morte. Ele acrescenta ainda que o oráculo tem implicações a longo prazo que ultrapassam o cativeiro babilônico, mas certamente incluiu este evento tipicamente como um dos mais ferozes julgamentos vindos da parte de Deus.

O povo havia descido às práticas mais perversas ao colocar os seus ídolos abomináveis no templo do SENHOR e, não bastasse isso, aprofundou-se na malignidade ao queimar os seus filhos e filhas no Vale dos filhos de Hinom, onde edificaram os altos de Tofete. A terrível prática de sacrificar crianças, que adentrou no meio do povo judeu, era realizada pelos fenícios e cananeus, que os ofereciam à divindade pagã Moloque.

Por fim, o SENHOR anuncia, por intermédio do profeta, que uma grande mortandade alcançará o povo e que seus corpos serão entulhados no vale da matança, novo nome para o lugar antes chamado Tofete ou vale de Ben-Hinom. Esses cadáveres, diz o SENHOR Deus, servirão de alimento para as aves do céu e aos animais selvagens e ficarão com esterco sobre a terra. Acrescenta ainda que nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém não haverá mais o som alegre das festas e celebrações. Os sacerdotes, profetas, reis e autoridades do povo que participaram das abominações denunciadas na mensagem profeta, terão seus corpos retirados das sepulturas e expostos ao sol, lua e estrelas, diante dos quais se prostraram. E os que ficarem vivos, preferirão morrer, diz o SENHOR.

¹⁸ HENRY, 2012, p. 381.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração deste artigo foram consultados diversos textos de comentaristas bíblicos, alguns citados aqui, com o objetivo de formar um quadro mais fidedigno possível da mensagem que foi objeto desta pesquisa. Adicionalmente, buscou-se uma compreensão do que era a intenção do autor humano ao proferir essa mensagem, bem como o entendimento do contexto em que ocorreu.

Percebe-se que o profeta foi contundente ao deixar claro que nem o templo e nem as ofertas garantiriam o contentamento e a presença de Deus com o povo. A denúncia buscava corrigir as práticas perversas que Deus conhecia e reprovava. O povo também foi advertido quanto às consequências em caso de manutenção de tais práticas.

O cenário e o contexto da mensagem também merecem destaques; é possível imaginar Jeremias falando desde a porta do templo enquanto uma multidão se movimentava no átrio exterior para cumprir os rituais religiosos. Nesse período o reino de Judá alcançou o pior alinhamento que se podia esperar; o rei, os sacerdotes e o povo juntos em práticas injustas, imorais e idólatras. Apesar de todo o esforço do SENHOR, através do profeta Jeremias, o povo não quis ouvir e nem mudar o modo de viver, por isso todas as consequências anunciadas se cumpriram e o povo foi expulso da sua terra.

Atualmente, que se chama pós-modernidade, também existe o risco da religião se tornar apenas cumprimento de ritos e o título de “evangélico” se tornar um amuleto para licenciar práticas contrárias aos ensinamentos de Cristo. Portanto, a denúncia e advertência do profeta Jeremias seguem atuais.

REFERÊNCIAS

ARCHER JR, Gleason L. **Panorama do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

Bíblia, **Nova Almeida Atualizada**. 3.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2008.

CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CHAMPLIN, Russell Noman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2018.

HENRY, Matthew. **Comentário bíblico Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

MACKAY, John L. **Jeremias**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

PFEIFFER, Charles F. **Comentário bíblico Moody**. São Paulo: Batista Regular, 2010.

RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H. Wayne. **O novo comentário Bíblico Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2009.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2018.